



Presidente da ABEN vê com otimismo o futuro do setor

Entrada de novos agentes poderia acelerar vários projetos do setor, tanto na área de mineração, quanto na produção de eletricidade

“O uso da energia nuclear tende a crescer em todos os seus segmentos, principalmente na área das aplicações, onde diversos países voltaram a investir em ciência básica, na busca da utilização de radioisótopos, dentre outros. No campo da produção de energia, vários países continuam construindo novas plantas, em particular a China, onde esta fonte é considerada essencial para a saúde pública. Por outro lado, a Agência Internacional de Energia Atômica vem recebendo um número enorme de pedidos de suporte para iniciar programas de geração nuclear de países da África, Oriente Médio, Ásia e América Latina”. A análise é da Presidente da Associação Brasileira de Energia Nuclear (Aben), Olga Simbalista, em entrevista ao Site do **Sien**. No Brasil, apesar dos problemas recentes com a paralisação das obras de Angra 3, o quadro é bastante positivo, na visão dela, com INB, Nuclep, Marinha, Amazul em plena atividade. “O setor nuclear está bem exceto no que se refere a Angra 3. A Amazul, por exemplo, firmou convênio para atuar no RMB, além do desenvolvimento de várias outras atividades, envolvendo uma equipe de cerca de 1800 pessoas. As atividades do Prosub continuam em um bom ritmo, tanto na continuidade da conclusão dos estaleiros SBN, como a produção na UFEM”, ressalta a Presidente da ABEN que já confirmou presença no **Sien**.



Foto: Divulgação ABEN

Sien - Qual a sua avaliação sobre o atual cenário de energia nuclear no Brasil? Estamos na contramão em relação aos demais países?

Olga Simbalista - Não estamos na contramão de outros países.

O país, globalmente, passa por uma crise sem precedentes, que atinge todos os setores, principalmente sob o aspecto econômico, com a restrição de recursos para a infraestrutura.

Mas o setor nuclear está bem exceto no que se refere a Angra 3.

Angra 1 e Angra 2 estão mantendo a confiabilidade da base do sistema elétrico, o setor de pesquisa e desenvolvimento continua com todas as suas atividades nas áreas de produção de combustíveis para reatores de pesquisas, na produção de radiofármacos e, principalmente, foi dado início ao projeto detalhado do Reator Multipropósitos Brasileiro.

A INB inicia a exploração de uma nova mina, em Caetité, dá prosseguimento ao licenciamento do complexo de Itataia e mantém a produção de combustível para as usinas brasileiras, bem como inicia fornecimento de material enriquecido para a Argentina.

A NUCLEP tem suas instalações em plenas atividades, com uma carteira de encomendas robusta, com produção para Angra 3, para o programa da Marinha (Prosub e CTMSP) e para a Petrobras. O programa da Marinha continua em pleno desenvolvimento, no CTMSP destaca-se a construção dos prédios do reator e da turbina, além da implantação de nova cascata de enriquecimento e da implantação do simulador do protótipo do reator do submarino nuclear.

A Amazul firmou convênio para atuar no RMB, além do desenvolvimento de várias outras atividades, envolvendo uma equipe de cerca de 1800 pessoas.

As atividades do Prosub continuam em um bom ritmo, tanto na continuidade da conclusão dos estaleiros SBN, como a produção na UFEM.

Sien - Quais os principais potenciais dessa fonte de energia para o médio e longo prazo?

Olga Simbalista - O uso da energia nuclear tende a crescer em todos os seus segmentos, principalmente na área das aplicações, onde diversos países voltaram a investir em ciência básica, na busca da utilização de radioisótopos, dentre outros. No campo da produção de energia, vários países continuam construindo novas plantas, em particular a China, onde esta fonte é considerada essencial para a saúde pública. Por outro lado, a Agência Internacional de Energia Atômica vem recebendo um número enorme de pedidos de suporte para iniciar programas de geração nuclear de países da África, Oriente Médio, Ásia e América Latina.

Sien - Assim como em outras fontes de geração, a nuclear ainda depende do andamento de medidas regulatórias e de políticas de expansão para sustentar seu crescimento? Como isso tem se configurado? Estamos avançando no fomento da energia nuclear?

Olga Simbalista - As políticas de expansão para novas fontes de energia é uma realidade mundial, principalmente no que se refere às novas renováveis (eólica e solar), mas no caso da energia nuclear não se aplica, pois trata-se de uma tecnologia madura, que tem custos relativamente elevados e em determinados mercados não é muito competitiva.

Sien - Como as denúncias de corrupção envolvendo a Eletronuclear impactam esse setor?

Olga Simbalista - As denúncias de corrupção tiveram um forte impacto na construção de Angra 3, pois requereu o cancelamento de vários contratos, a antecipação da amortização de financiamentos, e a necessidade de buscar de novos parceiros para que sua conclusão se dê.

Sien - Tendo em vista as dificuldades hoje do Governo para investir e a crise que atinge o setor de óleo e gás no mundo, como a senhora vê o momento da área nuclear no Brasil e no mundo?

Olga Simbalista - Os setores de gás e óleo não passam por crise, ao contrário continuam expandindo em todo o mundo, inclusive no Brasil. As questões envolvendo a energia nuclear no mundo são, em sua maioria, nos casos de suas paralisações, de natureza de políticas locais.

Sien - O que falta ao Brasil para retomar de forma plena e concreta o crescimento do setor? A questão é política, passa por uma reforma institucional?

Olga Simbalista - A retomada do setor no país está associada, primeiramente, à volta do crescimento econômico e da estabilidade política, da conclusão de Angra 3 e da exaustão do potencial hidrelétrico economicamente aproveitável.

Sien - A participação privada seria hoje a opção, diante dessa escassez de recursos do governo para investimentos?

Olga Simbalista - Com certeza, a entrada de novos agentes poderia acelerar vários projetos do setor, tanto na área de mineração, quanto na produção de eletricidade, porém esbarra em preceitos constitucionais, que no presente momento, não teriam prioridades para serem alterados.

Sien - A senhora acha viável a construção de 12 novas plantas no Brasil até 2050?

Olga Simbalista - Não só provável, mas imprescindível, desde que não seja descoberta, neste período, uma nova fonte energética revolucionária, o que seria muito pouco provável. Após 2030, o potencial hidráulico remanescente estará exaurido e o uso crescente das novas renováveis, devido a suas intermitências, vão requerer vultosas plantas na base do sistema, sendo a nuclear a mais competitiva.

Sien - A aceitação pública é outro desafio para o crescimento do setor? Isso tem avançado? Como a senhora vê hoje essa questão?

Olga Simbalista - A aceitação pública é um fator de restrição ao uso da energia nuclear em vários locais do mundo e, no Brasil, um tema de muito difícil assimilação, mas não devemos esquecer que a localidade brasileira onde temos maior aceitação pública é na macrorregião de Angra dos Reis.

Sien - Mão de obra é outro desafio. Como vê hoje o interesse e participação dos jovens no setor nuclear?

Olga Simbalista - A maior preocupação dos jovens brasileiros, hoje, é conseguir e manter um emprego, seja em que setor for. Caso haja uma demanda do setor nuclear, a despeito da necessidade de mão de obra especializada, também haverá oferta de jovens talentosos para cobri-la.

Fonte: Site do Sien (a entrevista está disponibilizada [aqui](#))